Capítulo IV — Resposta à primeira objeção

> **Sumário.** História dos livros clássicos: primeira época.

O senhor diz, em primeiro lugar, que sou demasiado absoluto e que a mudança de molde não foi tão completa quanto afirmo. Para responder, obriga-me a retraçar rapidamente a história dos livros clássicos desde o estabelecimento do cristianismo até os nossos dias: vou empreendê-lo. Essa história divide-se naturalmente em três épocas bem marcadas.

A primeira estende-se da pregação dos apóstolos até o fim do século V.

A segunda começa no século VI e termina com o século XV; compreende a Idade Média propriamente dita.[1]

A terceira parte do século XVI e vem até nós.

Distinguindo com cuidado a infância da adolescência, dizemos: durante a primeira época, os livros clássicos da infância são exclusivamente cristãos. Todos sabem que as línguas que hoje chamamos clássicas ou mortas eram então as línguas vivas de Roma e de Atenas, bem como de todos os povos civilizados. As crianças as aprendiam, não nas escolas, mas no lar doméstico; não de mestres estranhos, mas dos pais e das amas; não por regras, mas pelo uso, como nós mesmos aprendemos a nossa língua materna. Ora, essa infância se prolongava por muito tempo. Não era necessário, com efeito, aplicar tão cedo a juventude ao estudo da gramática e retê-la nele, como hoje se faz, durante tantos anos.

Resta saber que narrativas feriam continuamente os ouvidos das crianças cristãs, no seio da família; que livros andavam exclusivamente em suas mãos inocentes; que cantos repetiam em comum. A resposta não é duvidosa: todos conhecem o extremo cuidado dos primeiros cristãos em alimentar-se e em alimentar exclusivamente a sua jovem família com a leitura dos livros santos, das atas dos mártires e das cartas dos sumos pontífices; em ensinar-lhe de cor e fazer-lhe cantar com eles os Salmos de Davi; em instruí-la a fundo nos dogmas, nos preceitos, nos usos da religião, a fim de que esses jovens atletas tivessem, na ocasião, tanto a coragem de confessar a fé em meio aos suplícios quanto a capacidade necessária para vingá-la dos sofismas e das calúnias dos pagãos.[2]

Esse gênero de instrução não era novo. Encontra-se entre os judeus, desde a mais remota antiguidade e com exclusão de qualquer outro. Afastar dos filhos todo livro que não fossem os anais sagrados da nação, só lhes fazer aprender e cantar os cantos religiosos de Moisés e dos profetas: tal foi, ninguém o ignora, o uso invariável dos descendentes de Abraão e de Jacó. Judeus de origem, herdeiros da antiga Igreja, os apóstolos formaram a educação dos fiéis segundo o tipo da educação em uso na nação santa.[3]

As provas dessa asserção apresentam-se em multidão. A exclusão dos autores profanos é ordenada, em termos que não podem ser mais formais, pelas Constituições Apostólicas. Nesse monumento, que santo Atanásio chama a doutrina dos apóstolos recolhida por são Clemente, e santo Epifânio o resumo, sem corrupção, das regras de conduta, lê-se:

> *Abstende-vos de todos os livros dos gentios. Que tendes que ver com essas doutrinas, essas leis estrangeiras e esses falsos profetas? Essas leituras fizeram perder a fé a alguns homens levianos. Que vos falta na lei de Deus para que recorrais a essas fábulas? Se quereis ler história, tendes os Livros dos Reis; se precisais de filosofia ou de poesia, achá-las-eis nos Profetas, em Jó, no autor dos Provérbios, e com mais perfeição e elevação do que em qualquer obra desses sofistas e desses poetas. É que só a palavra de Deus é sábia. Procurais o lírico? Lede os Salmos; as antigas origens? Lede o Gênesis; as leis, os preceitos de moral? Tomai o código divino do Senhor. Abstende-vos, pois, absolutamente de todas essas obras profanas e diabólicas.*[4]

Quanto à leitura assídua da Sagrada Escritura pelas crianças, penetremos no interior de algumas dessas antigas famílias do Oriente e do Ocidente, cujo exemplo testemunha o espírito geral, e veremos que o livro sagrado era o primeiro clássico da infância.

> *Assim que Orígenes saiu do berço, diz Eusébio, seu pai Leônidas imprimiu-lhe no espírito as divinas letras. Não se contentava em conceder a esse estudo alguns momentos roubados ao ensino cíclico: pusera-o em primeiro lugar. Cada dia fazia a criança aprender algumas passagens das Escrituras, e o jovem Orígenes tinha nisso mais prazer do que em estudar os autores gregos.*[5]

Na família tão cristã e tão esclarecida dos Gregórios, a educação se fazia do mesmo modo. A Escritura Sagrada era insinuada no espírito das crianças com os seus primeiros pensamentos, para ali tomar de algum modo o lugar do primeiro ocupante. Assim foram educados são Basílio e são Gregório de Nissa, seus irmãos, suas irmãs, Gregório de Nazianzo, Cesário. Macrina, uma de suas irmãs, tornada preceptora sem ser mãe, superou ainda os pais e os mestres. Tendo feito voto de virgindade, dedicou ao mais novo dos irmãos, que vira nascer, toda a ternura maternal que as mulheres têm naturalmente no coração. Tomou a criança no berço e quis ela mesma educá-la bem, segundo as suas ideias. Ora, as suas ideias não podiam ser senão as que recebera da própria

educação.[6] Ouçamos agora o seu ilustre irmão, são Gregório de Nissa, dando-nos a conhecer qual fora a educação de Macrina:

> *Mal saiu Macrina da infância, diz ele, mostrou a mais feliz facilidade para aprender. Fora a sua mãe que quisera ser a sua preceptora; estudava ela mesma para instruir-se. Guardou-se bem de lhe ensinar as ficções dos poetas, com as quais se compraz em encher os jovens espíritos. Parecia-lhe pouco decente e até perigoso representar à imaginação da filha esses quadros, esses movimentos apaixonados que traçam os poetas trágicos; e mais ainda as fraquezas que se atribuem às mulheres nas comédias: era, a seu ver, infectar e corromper, desde a idade mais tenra, uma alma bem-nascida.*

> *Preferira, pois, fazer uma escolha dos traços mais edificantes, das máximas mais impressionantes dos nossos livros santos, e a menina os aprendia. O livro da Sabedoria lhe havia fornecido uma multidão de sentenças e reflexões próprias para formar o coração e esclarecer o espírito, para toda a conduta da vida. Essa excelente mãe extraíra dos Salmos certas invocações que acomodava a todos os exercícios, de sorte que, quer a filha se levantasse, quer se vestisse, quer tomasse as refeições, tinha sempre algum versículo de salmo apropriado à circunstância, e o cantava como uma graciosa canção. Ao mesmo tempo que Emília cultivava assim o espírito da filha, exercitava-lhe as mãos nos trabalhos do seu sexo e lhe ensinava a manejar habilmente a lã e o fuso.*[7]

Tal foi a educação de Macrina, e tal foi a de seu irmão mais novo, Pedro, de quem ela se encarregara. O estudo das letras profanas foi absolutamente banido da sua instrução. A sua doce preceptora soube empregar e distribuir o tempo de tal modo que não lhe sobrou nenhum para dar às vãs ciências.[8]

Essa educação era a mesma em toda parte. São Jerônimo, escrevendo a Gaudêncio e a Leta sobre a educação das filhas, quer que a jovem Pacátula, como primeira instrução, desde o seu sétimo ano, antes que os dentes sejam bastante fortes para um alimento sólido, comece a mobiliar a memória com as belas inspirações do rei profeta, e que até os catorze anos faça dos livros de Salomão, do Evangelho, dos apóstolos e dos profetas o tesouro do seu coração.[9]

> *É pela própria Escritura, diz ele a Leta, que a vossa filha aprenderá a ler, a escrever, a falar. Que a sua jovem língua aprenda a repetir os suaves cânticos do rei profeta. Não se lhe permita formar ajuntamentos de palavras tomadas ao acaso; escolher-se-ão essas palavras nas santas letras, e as primeiras que souber pronunciar serão os nomes dos apóstolos, dos patriarcas e dos profetas.*

> *O primeiro livro que aprenderá será o Saltério: esses divinos cânticos, cantá-los-á ao despertar. Nos Provérbios de Salomão, aprenderá a viver com sabedoria; no Eclesiastes, a pisar as coisas do mundo; em Jó, a virtude da paciência e da coragem. Passará depois ao Evangelho, para não mais o deixar; identificar-se-á com os Atos e as Epístolas dos apóstolos; cada dia vos recitará algumas passagens que serão como um ramalhete de flores colhidas nas Escrituras... Guardai-a de todas essas leituras que introduzem uma linguagem pagã no seio mesmo do cristianismo. Que pode haver de comum entre os cantos profanos do paganismo e os castos acordes da lira dos profetas? Como aliar Horácio com Davi? Virgílio com o Evangelho? Por mais que se queira salvar-se pela intenção, é sempre um escândalo ver uma alma cristã num templo de ídolos.*[10]

Não se diga que aqui se trata da educação das meninas. Já vimos que a Escritura era o livro clássico das crianças de um e de outro sexo. Se isso não basta, ouçamos ainda os Padres, reguladores e historiadores da família primitiva.

> *Guardai-vos, acrescenta são João Crisóstomo, de ter por supérfluo o estudo dos nossos livros santos. É a Escritura que ensinará os vossos filhos a honrar o pai e a mãe: ganhareis nisso tanto quanto eles mesmos. Não digais que isso só serve para as pessoas separadas do mundo. Certamente, não pretendo fazer de vós solitários: se o vosso filho o viesse a ser, nada teria a perder; mas não, basta que seja cristão. Destina-se a viver no meio do mundo; é nos nossos livros santos que aprenderá a sua regra de conduta. Mas, para isso, é preciso que dela se penetre desde os primeiros anos.*[11]

Quando a comunidade foi substituída à família na educação da juventude, são Basílio escrevia:

> *O estudo das letras deve acomodar-se ao espírito da educação das crianças; as santas Escrituras lhes servirão de vocabulário. Contar-se-lhes-ão, em lugar de fábulas, as admiráveis histórias da santa Bíblia; aprenderão de cor as máximas do livro dos Provérbios; propor-se-lhes-ão recompensas, seja pelos exercícios de memória, seja pelas composições, a fim de que se apliquem ao estudo como a uma recreação do espírito, sem nenhum tédio, sem nenhuma repugnância.*[12]

Mas há um fato que dispensa todos os testemunhos. Cada discurso dos antigos Padres da Igreja, cada página da história desses tempos heroicos oferece a prova eloquente de que a Escritura era de fato o livro clássico de todas as famílias no Oriente e no Ocidente. Orígenes, santo Atanásio, são Basílio, são João Crisóstomo, santo Agostinho e tantos outros não careciam certamente nem de tato nem de zelo, nem de saber e eloquência. Como teriam, então, esses grandes homens tratado diante dos fiéis as mais altas questões da teologia e da Escritura, se não soubessem que os seus

ouvintes, instruídos nessas coisas desde a infância, estavam perfeitamente em condições de compreendê-las?[13]

Ignora-se que uma palavra por outra, numa citação do Evangelho, bastava para pôr em rebuliço toda uma assembleia? Ignora-se que santo Agostinho não ousava fazer ler na igreja a versão de são Jerônimo, embora perfeitamente ortodoxa, receando parecer propor algo novo e escandalizar os povos habituados a outra tradução? Ignora-se, enfim, que o próprio são Jerônimo, encarregado pelo papa são Dâmaso da correção dos livros santos, hesita em empreendê-la, prevendo que vai levantar as reclamações de todos os fiéis?[14]

> *Qual é, diz ele, o sábio ou o ignorante que, tomando a minha tradução nas mãos e percebendo a diferença entre o que lê e o que, por assim dizer, sorveu com o leite, não exclame logo e não me trate de falsário e de sacrílego, acusando-me de ter ousado fazer algumas mudanças, algumas adições e supressões nos antigos exemplares?*[15]

A Escritura era, pois, o primeiro livro clássico da infância nos séculos que tocam o berço do cristianismo. Aos livros santos juntavam-se as Atas dos mártires, das quais as primeiras são contemporâneas dos apóstolos. Não era só nas assembleias públicas e nas igrejas que eram lidas; cada fiel fazia delas, em particular, a sua leitura mais ordinária: eram o livro da família. Os maiores santos não cessavam de recomendar-lhes o estudo, e tal era a veneração e o amor de nossos pais por esses monumentos sagrados, que muitos os traziam consigo, sem poder separar-se deles nem em viagem. Daí que não poupassem nenhuma despesa, não recuassem diante de nenhum perigo para consegui-los.[16]

O mesmo se dava com as cartas dos sumos pontífices. Lidas nas sinaxes, comentadas e relidas no lar doméstico, tornavam-se para os pais e os filhos uma regra viva de conduta e de fé, e uma fonte de consolações. Mais tarde acrescentaram-se as obras dos primeiros santos e dos primeiros defensores da religião.[17] Assim, durante os cinco primeiros séculos, houve clássicos exclusivamente cristãos para a infância cristã, e a infância permanecia muito mais tempo do que hoje à sombra tutelar do lar doméstico: tal é o duplo fato que resulta dos monumentos primitivos do Oriente e do Ocidente.

A frequência às escolas pagãs, a leitura das obras pagãs só começavam numa idade mais avançada, e depois que a criança estava munida dos melhores preservativos. Sobre este ponto, os pormenores que precedem e a história dos mais ilustres Padres da Igreja não permitem nenhuma dúvida. São Basílio e são João Crisóstomo eram adolescentes quando receberam as lições do retor Libânio; são Gregório de Nazianzo já não era jovem quando foi enviado a Cesareia primeiro, depois a Alexandria e por fim a Atenas; são Jerônimo tinha dezoito anos quando veio a Roma estudar gramática com Donato. Para os adolescentes, e somente para eles, clássicos pagãos, escolas pagãs. Como poderia ser de outro modo?

O cristianismo, ao nascer, privado de toda literatura humana, encontrou a sociedade pagã de posse da literatura e da ciência. Aos mestres pagãos pertencia exclusivamente o direito de ensinar nas cátedras públicas. Se alguns cristãos empreendiam fazê-lo, eram forçados a servir-se dos autores pagãos. Com efeito, esses autores eram considerados por todos como os modelos acabados da eloquência, da poesia e das letras humanas. Se os mestres cristãos tivessem proibido aos seus alunos o estudo dessas obras, se eles mesmos as tivessem banido das suas escolas, que meio haveria de iniciar os jovens cristãos nas ciências humanas? Que pretexto especioso não teriam tido os pagãos para caluniar a religião? Teriam deixado, como não se envergonharam de fazer os pagãos destes últimos tempos, de acusá-la de obscurantismo e de barbárie? Os injuriosos epítetos de seita de idiotas e de seita inimiga das luzes, que lhe prodigalizaram sem fundamento, com que aparência de razão não lhos teriam aplicado, se ela tivesse fechado aos seus discípulos as únicas fontes então conhecidas da ciência, da eloquência e da filosofia?[18] Semelhante opinião teria evidentemente arruinado as escolas dos mestres cristãos e forçado a juventude ingênua a dirigir-se exclusivamente aos doutores do paganismo.

Cumpre confessá-lo: nada era mais triste do que essa condição dos jovens cristãos. Contudo era igualmente isenta de perigo e de culpa. De perigo: não era, como vimos, senão depois de se haverem perfeitamente premunido contra o veneno das obras e dos mestres pagãos que faziam uso de umas e de outros. Tertuliano, testemunha ocular dessa sábia conduta, dá-lhe testemunho nestes termos:

> *Os nossos jovens estão tão seguros quanto aquele que, conhecendo o veneno apresentado por quem o ignora, o recebe e não o bebe. A necessidade os desculpa, pois não têm outro meio de instruir-se.*[19]

De culpa: porque não era nem a curiosidade nem o prazer, mas unicamente a necessidade que os levava a ler as obras e a ouvir os mestres pagãos. São Jerônimo fala dessa necessidade quando, condenando os cristãos, e sobretudo os eclesiásticos, que liam os autores pagãos unicamente por prazer, desculpa os jovens obrigados a fazê-lo.

> *O que é, diz ele, uma necessidade para a juventude, eles o transformam em crime fazendo-o de boa vontade.*[20]

Mas qual era, então, essa necessidade? Muito se há de espantar quem souber que ela difere essencialmente do motivo que, desde a Renascença, serve de pretexto ao estudo dos autores pagãos. É, diz-se, para nos ensinar a pensar bem, a sentir bem e a exprimir bem que nos fazem estudar Virgílio e Cícero, Homero e Demóstenes. No seu conjunto, semelhante fim teria sido considerado pelos nossos pais como um ultraje à religião e uma espécie de apostasia.

> *Que pode haver de comum, exclama são Jerônimo, entre a luz e as trevas? entre Jesus Cristo e Belial? Que relação entre Davi e Horácio? entre o Evangelho e Virgílio? entre são Paulo e Cícero? Não é um escândalo para o vosso irmão ver-vos no templo dos ídolos? É-nos proibido beber ao mesmo tempo no cálice de Jesus Cristo e no cálice dos demônios.*[21]

Era, como se pratica há três séculos, para fazer admirar aos jovens cristãos as riquezas da filosofia pagã e fazer-lhes adotar algum sistema seu? Mas eles chamavam aos filósofos animais de glória, aos patriarcas hereges; e àquele a quem não receamos dar o nome de divino, o grande artífice de todos os erros que desolavam a Igreja. Iam ainda mais longe: compunham obras expressamente para entregá-los, a eles e aos seus sistemas, à irrisão pública. Semelhante linguagem na boca dos Padres prova a intenção de fazer dos jovens cristãos discípulos dos filósofos?[22]

Era ao menos, como nos recomendam fazer, para copiar os seus oradores, apropriar-se das formas da sua eloquência, das qualidades da sua linguagem? Ninguém pensa em negar que os antigos Padres da Igreja tenham aprendido nos livros pagãos as palavras, as expressões, o estilo; seja porque, antes de eles mesmos comporem obras sobre as coisas humanas, não existia nenhuma que pudesse servir de modelo; seja porque a maior parte nascera no paganismo e só se convertera em idade já avançada. É de espantar que, filhos de pagãos, e pagãos eles mesmos durante uma parte da vida, tenham aprendido a língua pagã e até a retórica pagã, que muitos ensinaram com distinção? Quanto à eloquência que ainda faz a sua glória, não é de modo algum nos autores pagãos que lhe tiraram o fundo nem mesmo a forma; é nos livros santos, nos profetas sobretudo, com os quais, segundo a enérgica expressão de são Jerônimo, uma meditação contínua os havia identificado.[23]

A prova eloquente é que a eloquência dos Padres difere da eloquência dos oradores pagãos de toda a distância que separa o céu da terra. Tanto esta se faz notar pela arte do retor, pela escolha das palavras e a elegância das frases, quanto aquela se distingue pela espontaneidade das expressões, pela solidez dos pensamentos, pela vivacidade dos sentimentos, pela magnificência das imagens, pela força e abundância das provas. Assim, os membros esparsos de Cícero, *disjecta Tullii membra*, que é fácil reconhecer em Quintiliano, por exemplo, procurá-los-eis em vão em santo Ambrósio, em são Máximo, em santo Agostinho, em são Cipriano, em são Leão, em são Pedro Crisólogo, em são Gregório. O mesmo se dá com Demóstenes ou Isócrates quanto a santo Atanásio, são Basílio, são João Crisóstomo, são Gregório de Nazianzo, são Cirilo de Alexandria. Nada nos seus imortais discursos que cheire a imitação do paganismo. Tudo ali é primitivo, arquétipo e inspirado pela força invencível da fé e pelo zelo ardente da salvação do mundo.

O que acabo de dizer da eloquência, deve-se dizer de todos os gêneros de estilo: histórico, epistolar, filosófico. A frase de Eusébio, de Sulpício Severo, de Júlio Africano, de são Cipriano, de são Paulino, de são Justino, de Orígenes e dos outros escritores do cristianismo, ora historiadores, ora epistológrafos, ora filósofos, em nada se parece com a maneira de Xenofonte, de Suetônio, de Cícero, de Plínio, de Sêneca. Se, como se pretende, os Padres liam e faziam ler os autores pagãos para imitá-los, cumpre confessar que foram bem infelizes. E contudo não lhes faltavam nem estudo, nem saber, nem gênio. Que digo? imitavam-nos muito bem quando queriam. Santo

Agostinho cita um exemplo notável tirado de são Cipriano, e depois acrescenta:

> *Pelo número, pela elegância, pela abundância, essa frase é admirável; mas a sua própria riqueza não é conforme à gravidade cristã. Os que amam essa maneira de escrever acusam os que não a empregam de não poderem empregá-la: não sabem que é por razão e bom gosto que dela se abstêm. São Cipriano demonstrou, pois, que podia tomar emprestada essa linguagem, uma vez que o fez; e mostrou que não o queria, uma vez que não o fez mais.*[24]

São Jerônimo, juiz não menos excelente nesta matéria que santo Agostinho, testemunha também que Lactâncio imitou perfeitamente Cícero, e santo Hilário o número e o estilo de Quintiliano.[25] Era essa imitação uma glória? De modo algum; santo Agostinho acaba de no-lo dar a entender, e são Jerônimo diz em termos próprios: *«O que admirais, nós o desprezamos.»*[26] Os Padres gregos pensam como os Padres latinos. Certamente, se os jovens cristãos devessem estudar os autores profanos para formar o estilo e o gosto, sob pena de nunca terem nem um nem outro, como não cessam de nos repetir há três séculos, achar-se-ia infalivelmente esse preceito em são Basílio, que compôs uma obra especial em favor dos jovens, para lhes servir de guia no estudo dos autores pagãos. Pois bem, o grande doutor não diz uma palavra, nem uma só! Conheceis algo mais eloquente que semelhante silêncio?

Mas enfim, direis, qual era então o fim que se queria alcançar permitindo aos jovens cristãos ler as obras dos pagãos e frequentar as suas escolas? Que vantagem se pretendia tirar disso? Concordareis, primeiro, que, aos olhos de homens tão graves e tão religiosos como os nossos pais, o fim devia ser sério e a vantagem de natureza a compensar os gravíssimos perigos que o estudo dos livros pagãos podia, apesar de todas as precauções, fazer correr à inocência e à fé dos seus filhos. A menos que haja uma necessidade imperiosa, um pai não entrega o filho da sua ternura aos azares de um mar cheio de recifes. É mais uma prova de que se tratava, para eles, de coisa muito diversa da pueril vantagem de formar retóricos ou acadêmicos.

Tratava-se, para os seus filhos: 1º de conhecer a história do seu país e dos outros povos, cujos arquivos, escritos por mãos pagãs, estavam exclusivamente em poder dos pagãos; 2º de iniciar-se nas artes, nas ciências físicas, naturais, médicas, cujo monopólio pertencia igualmente ao paganismo; 3º de restituir ao cristianismo, herdeiro de todas as coisas, as verdades de que o paganismo, usurpador audaz, se apropriara, e que, depositário infiel das tradições primitivas, desfigurara; 4º de servir-se, à maneira de são Paulo, das máximas, dos exemplos, da autoridade dos poetas, dos sábios e dos filósofos pagãos, seja para encorajar-se à prática de alguma virtude, seja para tornar mais acessíveis à razão as verdades e os preceitos da fé, ou, como diz santo Agostinho, de tomar aos egípcios os seus vasos de ouro e de prata e dá-los aos israelitas, para servirem ao ornamento do tabernáculo; 5º de conhecer bem os erros dos pagãos, os seus preconceitos contra o cristianismo, os seus argumentos em favor da idolatria, as objeções e os sistemas dos filósofos, a fim de refutá-los solidamente e, muitas vezes, de batê-los com as suas próprias armas. Que meio há, com efeito, de vencer um inimigo de quem não se conhece nem a maneira de combater, nem as forças, nem as armas, nem as cidadelas?

Tal era o grande, o único interesse dos cristãos esclarecidos. Postos, desde o berço, frente a frente com os infatigáveis inimigos da sua religião, não se viam obrigados a combater noite e dia por si e por seus irmãos? Ora, para atingir esse fim, digamos melhor, para cumprir esse grande dever, era indispensável conhecer não só a ciência dos pagãos, mas ainda a sua língua, e falá-la com certa pureza, por receio de serem taxados por eles de ignorância ou de barbárie, e de não obterem da sua parte nenhuma atenção.

Sobre os motivos de fazer estudar à juventude os autores pagãos nos primeiros séculos da Igreja, acabais de ouvir são Basílio, santo Agostinho, são Justino, Taciano, Clemente de Alexandria, Hermias, são Jerônimo, e com eles todos os mais esclarecidos guias dos jovens cristãos.[27] Do seu ensinamento unânime resulta esta conclusão inatacável, a saber: que os primeiros cristãos estudavam o paganismo nas letras e nas ciências, não para imitá-lo, isto é, para perpetuá-lo quanto ao fundo ou quanto à forma, mas para dele tomar o que havia de útil, seja para a glória, seja para a defesa da religião. Foi assim que a Igreja estudou o paganismo na arte, não para perpetuá-lo no fundo ou na forma, mas para dele se apoderar e fazê-lo servir, transformando-o, de elemento à arte cristã; foi assim ainda que o estudou nos seus sistemas religiosos e filosóficos, não para exaltá-los, mas para reduzi-los a pó.

Notas

[1] *I tempi di mezzo, come è noto, si estendono dall'anno cinquecento dell'era nostra volgare fino all'anno mille cinquecento per il corso intero di anni mille* [Os tempos médios, como é sabido, estendem-se do ano quinhentos da nossa era vulgar até o ano mil e quinhentos, pelo curso inteiro de mil anos]. Battini, *Apol. dei secoli barb.*, p. IX.

[2] *Christiani parentes enim pueros suos a teneris unguiculis SS. martyrum acta et summorum pontificum epistolas perlegere, sacras scripturas memoriæ mandare, psalmos canere, omniaque religionis mysteria, doctrinas, leges, instituta diligentissime ediscere jubebant; ut deinde, data occasione, adolescentes possint Christi fidem, non solum inter tormenta carnificum magno animo profiteri; verum etiam contra ethnicorum calumnias et sophistarum cavillationes libero et diserto ore defendere.* [Os pais cristãos mandavam, com efeito, que seus filhos, desde a mais tenra idade, lessem por inteiro as atas dos santos mártires e as cartas dos sumos pontífices, confiassem à memória as Sagradas Escrituras, cantassem os salmos e aprendessem com toda a diligência os mistérios, as doutrinas, as leis e as instituições da religião, para que depois, quando surgisse a ocasião, pudessem, já adolescentes, não só professar a fé de Cristo com grande ânimo em meio aos tormentos dos carrascos, mas também defendê-la, com boca livre e eloquente, contra as calúnias dos pagãos e as sutilezas dos sofistas.] *De opp. SS. PP. in litter. juven. instit. adhib.*, Roma, 1841; Mamachi, *Origin. et antiq. christ.*, liv. III, cap. 8, etc.

[3] Fleury, *Mœurs des Israélites* [Costumes dos israelitas].

[4] *Const. apost.*, liv. I, cap. 6. Sabemos muito bem que a autenticidade das Constituições Apostólicas está longe de ser certa; mas sabemos também que toda a antiguidade reverenciou essa obra como testemunha fiel do espírito e da tradição primitiva: santo Atanásio cita-a chamando-a *Doctrinam apostolorum clementinam* [doutrina dos apóstolos recolhida por Clemente].

«Reconheceu-as santo Epifânio, acrescenta Barônio (*ann.* t. II, ano 402, n. IX); serviram-se delas famosos escritores eclesiásticos, anteriores e posteriores a ele, que brilharam na Igreja... Pois toda a ordem regular, continua santo Epifânio, acha-se nelas (nas Constituições apostólicas), e nada foi adulterado quanto à fé, nem quanto à confissão, nem quanto ao governo e à regra eclesiástica.» *Id.*, *ibid.*

[5] Eusébio, *Hist.*, liv. IV, cap. 3.

[6] *Influence des Pères sur l'éducation* [Influência dos Padres sobre a educação], etc., 2ª parte, por M. Lalanne.

[7] *Vit. B. Macrin.* [Vida da bem-aventurada Macrina].

[8] *Id.*

[9] *Quum autem virgunculam rudem et edentulam, septimus ætatis annus receperit... discat memoriter Psalterium, et usque ad annos pubertatis, libros Salomonis, Evangelia, apostolos et prophetas sui cordis thesaurum faciat.* [Quando a menina, ainda rude e sem dentes, entrar no sétimo ano de idade... aprenda de cor o Saltério e, até a puberdade, faça dos livros de Salomão, dos Evangelhos, dos apóstolos e dos profetas o tesouro do seu coração.] *Ep. ad Gaud.* XCVIII, p. 798, *opp.* t. IV.

[10] *Ad Læt.*, ep. LVII, t. IV, p. 591; *id.*, *ad Eustoch.*, ep. XVI, t. IV, p. 42; *ad Gaudent.*, *id.*, p. 796.

[11] *Homil.* XXI *in ep. ad Th.*

[12] XV, *Reg.* 4.

[13] *Familiare Patres habuerunt, ut allegoricos tropologicosque sensus indagarent; inque numeris includi legique magna mysteria existimarent, quæ populis suis putabant candide detegenda. Et hinc sane colligi potest, multa, quæ nobis quamdam obscuritatis caliginem obtendunt, antiquis illis temporibus aperta, etiam populo extitisse, utpote talibus audiendis assuefacto.* [Era costume dos Padres investigar os sentidos alegóricos e tropológicos, e julgar que grandes mistérios estavam encerrados nos números e se liam neles, mistérios que pensavam dever ser revelados com simplicidade aos seus povos. Daí se pode concluir que muitas coisas que para nós lançam uma espécie de névoa de obscuridade eram claras naqueles antigos tempos, mesmo para o povo, habituado a ouvir tais assuntos.] *Præf. in S. Ambr. opp.*

[14] Sozomeno, *Hist. eccl.*, liv. I, cap. 44; santo Agostinho, *Epist.* LXXI e LXXXII.

[15] *Quis doctus pariter vel indoctus, cum in manus volumen assumpserit, et a saliva quam semel imbibit, viderit discrepare quod lectitat, non statim erumpat in vocem me falsarium, me clamitans esse sacrilegum, qui audeam aliquid in veteribus libris addere, mutare, corrigere?* [Que sábio ou ignorante, ao tomar o volume nas mãos e ver que o que lê discrepa daquilo que bebeu uma vez com a saliva, não irromperá logo em brados, chamando-me falsário e sacrílego, a mim que ouso acrescentar, mudar, corrigir algo nos livros antigos?] *Præf. in quatuor Evang.*

[16] D. Ruinart, *Act. sincer.*, etc. *Præf.*, p. 8-9.

[17] *Cypriani opuscula semper in manu teneat. Athanasii epistolas et Hilarii libros inoffenso decurrat pede. Illorum tractatibus, illorum delectetur ingeniis, in quorum libris pietas fidei non vacillet. Cæteros sic legat, ut magis judicet quam sequatur.* [Tenha sempre nas mãos os opúsculos de Cipriano. Percorra sem tropeço as cartas de Atanásio e os livros de Hilário. Deleite-se com os tratados e com o engenho daqueles em cujos livros a piedade da fé não vacila. Quanto aos demais, leia-os de modo a julgá-los mais do que a segui-los.] S. Jerônimo, *ad Læt.*, ep. LVII, t. IV, p. 596.

[18] *Hebetes, stolidi, obtusi, rudes, idiotæ, insensati, indocti, impoliti, inepti, agrestes.* [Embotados, estúpidos, obtusos, rudes, ignorantes, insensatos, indoutos, grosseiros, ineptos, rústicos.] Luciano, *De morte Peregrin.*, p. 338. *Latebrosa, et lucifuga natio.* [Gente de esconderijos, que foge da luz.] Minúcio Félix, *Octav.*, p. 8.

[19] *(Adolescens) erit tam tutus, quam qui sciens venenum ab ignaro accipit, nec bibit; huic necessitas ad excusationem deputatur, quia aliter discere non potest. De anim. vers. fin.*

[20] *Absit, ut de ore christiano sonet: Jupiter omnipotens, et me Hercule et me Castor, et cætera magis portenta quam numina. At nunc etiam sacerdotes Dei, omissis evangeliis et prophetis, videmus... tenere Virgilium; et id quod in pueris necessitatis est, crimen in se facere voluptatis, alias voluntatis.* [Longe de nós que da boca cristã soem: «Júpiter onipotente», «por Hércules», «por Castor» e o mais, que são antes portentos que divindades. E agora vemos até sacerdotes de Deus, deixados de lado os Evangelhos e os profetas, ... a ter Virgílio nas mãos; e o que nos meninos é necessidade, eles o fazem crime de deleite, ou de vontade própria.] *Epist. ad Damas.*, *De duob. filiis*, *Opp.*, t. IV, p. 453.

[21] *Quæ communicatio lucis ad tenebras? Quis concursus Christo cum Belial? Quid facit cum Psalterio Horatius, cum Evangeliis Maro, cum Apostolo Cicero? Nonne scandalizatur frater, si te viderit in idolio recumbentem? Simul bibere non debemus calicem Christi et calicem dæmoniorum. Epist. ad Eustoch.*

[22] *Gloriæ animal et popularis auræ atque rumorum venale mancipium.* [Animal de glória e escravo à venda da aura popular e dos boatos.] S. Jerônimo, *Ad Pammach.*, ep. LIV, *Op.*, t. IV, p. 585. — *Patriarchæ hæreticorum.* [Patriarcas dos hereges.] *Id.*, *ad Ctesiphont. Doleo Platonem fuisse omnium hæreseon condimentarium.* [Lamento que Platão tenha sido o condimento de todas as heresias.] S. Ireneu, *De hæresib.*; Hérmias, *Irrisio philosophor.*

[23] *Quos meditatione diuturna quasi in naturam verterant.* [A quem uma meditação contínua tinha como que convertido em natureza.]

[24] Citarei mais adiante o texto inteiro dessa passagem.

[25] *Lactantius de ira et opificio Dei duo volumina condidit, quos si legere volueris, Dialogorum Ciceronis in eis epitomem reperies... Hilarius meorum confessor temporum et episcopus, duodecim Quintiliani libros et stylo imitatus est et numero.* [Lactâncio compôs dois volumes, *Da ira* e *Da obra de Deus*; se os quiseres ler, encontrarás neles um epítome dos *Diálogos* de Cícero... Hilário,

confessor e bispo do meu tempo, imitou os doze livros de Quintiliano tanto no estilo quanto no número.] *Epist. ad Magnum*, *op.*, t. IV, p. 656.

[26] *Hoc quod vos miramini, jam contempsimus. Epist. ad Pammach.*

[27] S. Basílio, *De legendis gentilium libris*, t. II, p. 2, p. 243, onde diz: *Hæc quidem etsi perfectius in nostris libris condiscimus, at certe quantum adumbrandæ nunc virtuti satis est, tantum ex documentis externis rudius delibamus.* [Embora aprendamos isto mais perfeitamente em nossos livros, tomamos contudo, dos documentos externos, de modo mais tosco, quanto basta para esboçar agora a virtude.] S. Agostinho, *De doct. christ.*; S. Justino, *Dialog. cum Thrypho*; Taciano, *Contra gentes*; Clemente de Alexandria, *Strom.* 4, onde se exprime assim: *Quæ est ex fide veritas, necessaria est ad vivendum. Quæ autem præcedit disciplina (profana eruditio) est obsonio similis et bellariis: desinente cœna, suavis est placentula.* [A verdade que vem da fé é necessária para viver; a disciplina que a precede (a erudição profana) é semelhante ao tempero e às guloseimas: terminada a ceia, é doce o bolinho.] Hérmias, *Irris. philosoph.*; S. Jerônimo, *Epist. ad Magnum*, *opp.*, t. IV, p. 64, na qual se encontra esta notável passagem: *Quæris cur in opusculis nostris, sæcularium litterarum interdum sociamus exemplo, et candorem Ecclesiæ ethnicorum sordibus polluamus? Breviter responsum habeto. Quis enim nesciat et in Moyse et in prophetarum voluminibus quædam assumpta de gentilium libris?... Sed et Paulus apostolus Epimenidis poetæ abusus versiculo est scribens ad Titum: Cretenses, semper mendaces, malæ bestiæ, ventres pigri... Et apud Athenienses in Martis curia disputans, Aratum testem vocat: Ipsius enim et genus sumus. Ac ne parum hoc esset, ductor christiani exercitus et orator invictus pro Christo caussam agens, etiam inscriptionem fortuitam, arte torquet ad argumentum fidei. Didicerat enim a vero David, extorquere de manibus hostium gladium, et Goliæ superbissimi caput proprio mucrone truncare.* [Perguntas por que, em nossos opúsculos, juntamos por vezes exemplos de letras profanas e manchamos a candura da Igreja com as impurezas dos pagãos? Responde-se em breve. Quem não sabe que também em Moisés e nos volumes dos profetas há coisas tiradas de livros dos gentios?... Também o apóstolo Paulo serviu-se de um versículo do poeta Epimênides ao escrever a Tito: «Cretenses, sempre mentirosos, feras más, ventres preguiçosos»... E, disputando em Atenas no areópago, chama Arato por testemunha: «Pois dele também somos raça.» E, como isso fosse pouco, o condutor do exército cristão e orador invicto, defendendo a causa de Cristo, torce até uma inscrição casual em argumento da fé. Aprendera, com efeito, do verdadeiro Davi, a arrancar das mãos dos inimigos a espada e a cortar a cabeça do soberbíssimo Golias com o seu próprio gume.] *Ad Pammach.*, *opp.*, t. IV, p. 585, onde se exprime assim: *Christum scimus sapientiam. Hic thesaurus in agro Scripturarum nascitur... Sin autem adamaveris mulierem captivam, id est, sapientiam sæcularem, et ejus pulchritudine captus fueris, decalva eam, et illecebris crinium atque ornamento verborum cum emortuis unguibus seca. Lava eam prophetali nitro, et tunc requiescens cum illa dicito: Sinistra ejus sub capite meo, et dextera illius amplexabitur me, et multos tibi fœtus captiva dabit, ac de Moabitide efficietur Israelitis.* [Sabemos que Cristo é a sabedoria. Este tesouro nasce no campo das Escrituras... Se, porém, amares uma mulher cativa, isto é, a sabedoria secular, e te deixares prender pela sua beleza, raspa-lhe os cabelos, corta-lhe com unhas mortas os atrativos dos cabelos e o ornato das palavras. Lava-a com o nitro profético e então, repousando com ela, dize: «A sua esquerda esteja debaixo da minha cabeça e a sua direita me abrace»; e a cativa te dará muitos filhos, e de moabita se fará israelita.]

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:12 by Admin

Updated 22 November 2026 17:19:13 by Admin